

Brasil cresce mais que os EUA, diz Meirelles

Com base em taxas trimestrais, presidente do BC diz que projeção do PIB será alcançada

ADRIANA CHIARINI
e **ALAOR BARBOSA**

RIO - O Brasil está em rota de crescimento sustentado e o governo trabalha para que esse crescimento seja não só duradouro, mas cada vez maior, afirmou ontem o presidente do Banco Central (BC), Henrique Meirelles. De acordo com ele, a previsão de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) este ano, de 3,5%, deve ser alcançada e poderá até ser aumentada.

Meirelles demonstrou que as mais recentes taxas de crescimento trimestrais do PIB brasileiro são maiores que as dos Estados Unidos (EUA). Citou que, no quarto trimestre de 2003, o Brasil cresceu a uma taxa anualizada de 6% e, no primeiro trimestre deste ano, de 6,5%. Nos EUA, foi de 4,1% e de 4,4%. Sem a anualização, a economia americana cresceu 1,1% no primeiro trimestre desse ano em relação aos quarto trimestre do ano passado e a brasileira cresceu 1,6%.

Em palestra no seminário "As remessas como um instrumento de desenvolvimento no Brasil", promovido pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), o presidente do BC enfatizou que o Brasil cresce sem déficit nas transações correntes com o exterior (comerciais, de serviços e de transferências como as remessas de brasileiros no exterior para seus parentes no País).

Do lado fiscal, destacou, o setor público produz um superávit primário (economia feita nos gastos públicos para se pagar juros) "grande e, mais importante, sustentado", ou seja, que tem condições de ser mantido nos próximos anos. Para Meirelles, "os fundamentos da economia estão mais sólidos para enfrentar mudanças na liquidez internacional" como o previsível aumento das taxas de juros nos Estados Unidos.

O diretor de Política Monetária do BC, Luiz Augusto Oliveira Candiota, que deu palestra em evento da Câmara de Comércio França-Brasil, também mostrou cenário animador. Ele afirmou que o fluxo cambial do Brasil continua positivo "e isso é o que importa". Segundo ele, em abril houve o ingresso líquido no País de US\$ 2 bilhões e, nos primeiros quinze dias de maio, de US\$ 1,6 bilhão.

O diretor do BC reiterou que a forte volatilidade do dólar em relação ao real nos últimos dois meses resultou basicamente da "realocação de ativos" e não de um processo de desconfiança em relação à economia brasileira. "Houve mudanças nas moedas de vários outros países, como Chile, México ou Turquia", comentou.

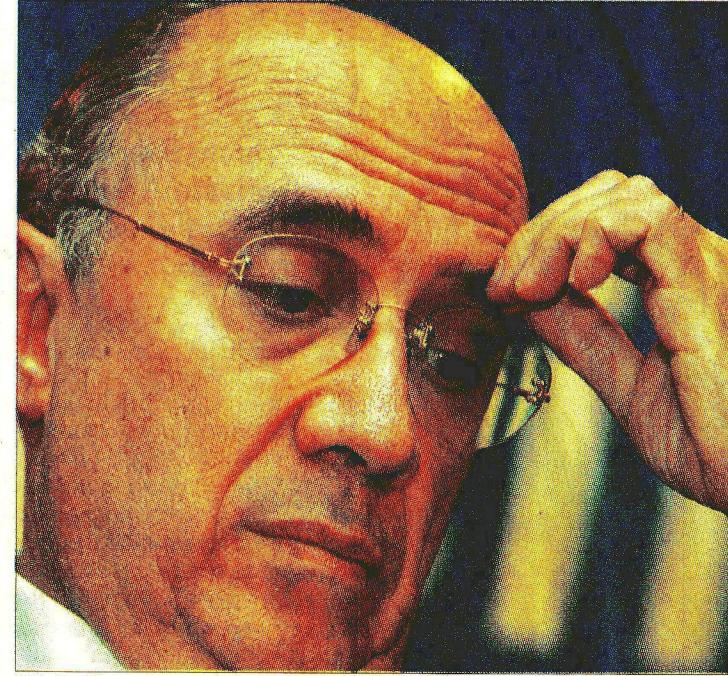
O diretor do BC reafirmou que o governo tem dado demonstração de que é responsável e tem credibilidade, que não está sujeito "a aventuras", não vai intervir no câmbio nem nos preços dos títulos públicos. "Apesar das oscilações de curto prazo, consideramos que os objetivos do Tesouro estão sendo alcançados", disse. "O mercado é quem determina os preços."

Aposta privada - Bancos e empresas do País continuam apostando que o PIB do País crescerá este ano 3,5%, apesar dos resultados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) na semana passada. Essa cautela também marcou outras projeções de analistas na pesquisa semanal do Banco Central. Em termos de juros, por exemplo, a aposta é de que o Comitê de Política Monetária (Copom) não vai alterar a Selic em junho. Até o fim do ano, os analistas acreditam que o BC reduzirá os juros em mais 1,5 ponto percentual, o que faria com que a Selic fechasse 2004 em 14,5% ao ano.

Para 2005, foi mantida a estimativa de 13%. Essa posição é explicada pelas projeções para a inflação. Para maio e junho, espera-se que o IPCA tenha alta de 0,50% por mês.

Dida Sampaio/AE - 26/5/2004

Alaor Filho/AE-18/3/2004



Meirelles: superávit primário 'grande e também sustentado'



Lessa ataca instituição (Copom), 'cujos integrantes não foram eleitos'